ETD EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL

CC BY NC ND

ENSAIO

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

ARTES DE SI NO MAGISTÉRIO: O DÂNDI EDUCADOR

ARTS OF SI AT THE MAGISTRARY: THE DANDY PEDAGOGUE

ARTES DE SI SOBRE EL MAGISTERIO: EL DANDI EDUCATOR

Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan[1], Ana Clelia Hoffmann[2]

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de propor uma discussão sobre o ensino, a moda e a arte em novos modos de se reinventar na vida magisterial. Para isso, toma o dandismo e as práticas desenvolvidas no século XIX como disparo para tratar a prática educativa como um exercício afirmativo da vida, tal como a estética da existência em Michel Foucault. A partir disso, fabrica um conjunto de práticas nas quais possam se operar outros modos de pensar a arte, como campo de um saber ampliado sobre si. Cada procedimento é também uma multiplicidade, sendo assim seus processos e feituras na educação são imanentes à vida e acontecem junto dela. Desse modo, o *dândi educador,* por meio de sua arte, opera por repetição. Ao repetir, observa seus procedimentos a fim de produzir singularidades e constituir o seu modo de ser professor.

PALAVRAS-CHAVE: Dandismo. Educador. Estética da existência. Subjetivação.

ABSTRACT

This article thinks teaching, fashion and art in new ways of reinventing itself in the magisterial life. For this, it takes the dandyism and the practices developed in the nineteenth century as a trigger to treat educational practice as an affirmative exercise of life, just as the aesthetics of existence in Michel Foucault. From this, it manufactures a set of practices, in which other ways of thinking art can operate, as a field of an expanded knowledge about itself. Each procedure is also a multiplicity and understands that its processes and achievements in education are immanent to life and happen together with it. In this way, the dandy educator, through his art, operates by repetition. In repeating, he observes his procedures in order to produce singularities and constitute his way of being a teacher.

KEYWORDS: Dandyism. Educator. Aesthetics of existence. Subjectivation.

RESUMEN

Este artículo piensa la enseñanza, la moda y el arte en nuevos modos de reinventarse en la vida magisterial. Para ello, toma el dandismo y las prácticas desarrolladas en el siglo XIX como disparo para tratar la práctica educativa como un ejercicio afirmativo de la vida, tal como la estética de la existencia en Michel Foucault. A partir de eso, fabrica un conjunto de prácticas, en las cuales puedan operar otros modos de pensar el arte, en cuanto campo de un saber ampliado sobre sí. Cada procedimiento es también una multiplicidad y entiende que sus procesos y hechuras en la educación son inmanentes a la vida y suceden junto a ella. De este modo, el dândi educador, a través de su arte, opera por repetición. Al repetir, observa sus procedimientos, a fin de producir singularidades y constituir su modo de ser profesor.

PALABRAS CLAVE: Dandismo. Profesor. Estetica de la existencia. Subjectivacion.

[1] Doutora em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS - Brasil. Docente - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS - Brasil. **E-mail:** paola.zordan@gmail.com

[2] Doutoranda em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Porto Alegre, RS - Brasil. Docente - Universidade Feevale (FEEVALE) - Vale dos Sinos, RS - Brasil. **E-mail:** hofana@gmail.com

Submetido em: 24/11/2017 - **Aceito em:** 23/08/2018

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

1 INTRODUÇÃO

Articular a produção de si mesmo com o que vem a ser um eu constituído em uma vida dedicada ao magistério é um desafio que leva a pensar o que é ser professor e como uma subjetividade magisterial pode ser criada. Para tanto, as subjetivações desse si, construídas sobre o legado de um ser *magister*, são pensadas com a ética, nunca separada da estética, segundo Michel Foucault.

As "artes de si", como técnicas ou cuidados implicados em uma ascese, tal como pensa Friedrich Nietzsche em relação a ser o que se é, conduzem a um tipo contemporâneo que expressa a questão: o dândi. Situando a emergência desse tipo, que surge em concomitância com a popularização da educação e, logo após, com o surgimento da obra escrita de Nietzsche, na segunda metade do século XIX, traça-se uma revisão conceitual do cuidado de si foucaultiano a fim de mostrar as relações entre o construir a si mesmo hoje e as linhas históricas que formam a educação contemporânea.

Considerando a moda como um dos principais elementos desse cuidado, sem mostrar ou discutir nenhum tipo de padrão, o texto lança pistas de como se inventar como ser em sala de aula e no dia a dia.

1.1 O contexto decadentista

A sociedade ocidental do século XIX foi conhecida como estruturada, organizada e segmentada. Regulou-se por um conjunto de normas e condutas que guiam e conferem valor à vida privada e é regida pelos parâmetros morais da burguesia. Preso às normas e às regras de conduta, esse segmento social tem seu individualismo enfraquecido pelo fato de não se voltar para si, ou seja, "as relações de si para consigo não são desenvolvidas" (FOUCAULT, 1985, p. 48).

Para Michel Foucault, o individualismo não deve ser confundido com nenhum tipo de egoísmo, pois voltar-se para si mesmo requer um trabalho sobre si, que sempre envolverá o outro. Trata-se de uma postura ética nos modos de se conduzir na vida e na sociedade. Destaca-se o século XIX por ser esse o período em que a vida urbana contemporânea surge como hoje a vivemos. Essa época introduz não apenas o que foram chamados de avanços industriais e tecnológicos, mas também uma revolução de costumes e hábitos que acompanharam as renovações da civilização moderna.

Todos esses acontecimentos tornam esse século um divisor de águas, que incluem "O advento da burguesia e do industrialismo, dando origem a um novo estilo de vida; a democracia, tornando possível a participação de todas as camadas no processo" (SOUZA, 1987, p. 22). A distinção entre burguesia e proletariado modifica a divisão histórica entre aristocratas e campesinos, sendo as divisões de classes feitas a partir do capital, não mais por

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

herança, armas, nomes e costumes familiares, e sim em termos de privilégios e demandas próprias do burguês. Esta passa a ser identificado como elite, termo oriundo daquele momento, marcado pela consolidação dos Estados nacionais, para dizer daqueles que tinham poder de escolha, isso tanto no mercado (podiam escolher os melhores produtos) quanto na política, pois elegiam seus representantes. Tais acontecimentos tornam esse período um complexo novelo cultural que faz emergir, inclusive, uma "galeria de tipos sociais" (SIMMEL, 2008, p. 11) a partir da qual nos colocamos a pensar sobre a produção dos modos de vida.

O dândi surge nesse período como resistência paradoxal ao modo de vida burguês, permitindo-nos pensar sobre a construção de uma autonomia por meio de uma autoconstituição de si. Nos modos de se conduzir, ele compõe uma ética e uma estética para sua existência amorosa e mundana por intermédio de um modo afirmativo perante a vida. *Artes de si*, que perpassa o que se faz e como se faz, operando cuidados que envolvem fazeres em nada parecidos com os preceitos vigentes, de modo a pensar o dandismo como força envolvida na construção do professor contemporâneo: prático, elegante, sedutor, ágil, atualizado. O *dândi educador* surge para dizer de um cuidado que permeia o corpo e a alma ao pensar os estilos, a moda, as *performances* e outras intervenções de quem desenvolve pesquisas híbridas entre educação, história e arte, criando poéticas e conceitos filosóficos.

2 DANDISMO E MODERNIDADE

Na sociedade moderna, junto à paisagem urbana que se configurava no século XIX, moralismos eram reforçados por meio do modelo de conduta burguês. Entretanto, os tipos que nos interessam dissolvem as identidades ditas "exemplares" para compor tipologias que se opõem aos costumes e valores vigentes nesse período. Enquanto a burguesia afogou qualquer "entusiasmo cavalheiresco" (MARX; ENGELS, 2005, p. 11) em virtude de seus interesses se fixarem apenas em um valor de troca, flanadores, exploradores, vagabundos – que perambulavam pelas ruas observando o movimento ordinário – experimentando o ir e vir citadino por intermédio dos devires selvagens do corpo.

> [...] 'o estrangeiro', 'o mediador', 'o pobre', 'o aventureiro', 'o renegado', e claro está, 'o maníaco da moda' - que, nos papéis, se devem complementar com a análise das formas sociais, de que sempre são parte e elemento, dentro e fora das quais simultaneamente se encontra, mesmo quando a elas se possam opor (SIMMEL, 2008, p. 11-12).

Entre eles, encontra-se a figura do dândi. Imagina-se esse personagem como corpo encarnando forças em um modo de visualizar a existência desse "outro" mundo. Juntamente com o traje, outros signos podem servir de marcadores do lugar ocupado pelo sujeito e denotam um "investimento de si": os tipos de acessórios que acompanham o traje, o corte e o penteado do cabelo, o perfume usado, a postura corporal, a maneira como o sujeito se porta dentro daquele ambiente, as pessoas com quem ele conversa, os assuntos que conversa, o modo como ele fala, aquilo que bebe e come, o jeito de beber e comer e até

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

mesmo o meio de locomoção pelo qual chegou a determinado local. A partir disso,

> O sujeito seria um produto de uma dobra dessa força, o que o caracterizaria como um processo de subjetivação, uma existência estética, isto é, um afeto de si por si através da relação com as forças do Fora, com as forças da alteridade. Enfim, esta é a regra facultativa do homem livre (FARINA, et al., 2010, p. 300).

Michel Foucault reconhecerá o dândi a partir do pensamento que nos coloca em contato com a pintura dos personagens contemporâneos de Charles Baudelaire, por meio dos croquis de costumes. A modernidade marca-nos desde o início do mercantilismo, sendo mais do que uma forma de nos relacionarmos com o capitalismo integrado no presente. Para Baudelaire, a atitude voluntária de modernidade – essa vontade de viver um tempo que se renova a cada moda e a cada modo de devir – está ligada a um "ascetismo indispensável" (FOUCAULT, 1984, p. 344). Trata- se de uma ascese que visa à superação dos modelos morais ascéticos que levam à supressão de sentidos, paixões e intensidades. "Ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura: é o que Baudelaire chama de acordo com o vocabulário da época, de 'dandismo'" (FOUCAULT, 1984, p. 344).

O dândi dos séculos XVIII e XIX pode até ser remetido a uma figura frívola e vulgar; no senso comum, é tratado como alguém que se preocupa em demasia com a aparência. Todavia, quando a constituição ético-estética do sujeito configura as problemáticas dos últimos trabalhos de Michel Foucault, a figura do dândi emerge como subjetivação potencial em meio ao decadentismo. "O dandismo não é sequer, como parecem acreditar muitas pessoas pouco sensatas, um amor desmesurado pela indumentária e pela elegância física" (BAUDELAIRE, 1996, p. 52), mas pode-se pensar na possibilidade de, por intermédio da aparência, expressar e afirmar seu modo de vida, como uma "dobra" da alma, que cria algo novo a partir de algo que já existe, uma espécie de "culto de si mesmo" (BAUDELAIRE, 1996, p. 53).

Aos olhos de Charles Baudelaire, o dandismo é, pois, "ginástica destinada a fortificar a vontade e a disciplinar a alma" (BAUDELAIRE, 1996, p. 53), ou seja, uma ascese ao estilo de Friedrich Nietzsche. Dessa forma, pensar a subjetividade ética, o cuidado de si, é pensar essa ascese como resistência às relações de poder dominantes. O dandismo foi uma linha que escapou às estruturas mais estratificadas em termos de crenças e comportamentos morais do século XIX.

O escritor Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (Oscar Wilde) foi uma dessas figuras célebres que se destacou e sofreu o juízo moral da sociedade moderna do século XIX. Longe de reproduzir os modelos da época, o escritor era admirado pela sua excentricidade e beleza ao se expressar tanto como um tipo social como em sua obra. Da ascensão da sua carreira ao envolvimento com escândalos, tratou "a arte como a suprema realidade e a vida como uma mera ficção" (WILDE, 2011, p. 78) e tornou a sua pessoa um mito. No período em que esteve

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

na prisão, sozinho e sob condições humilhantes, fez aquela condição degradante lhe parecer justa e necessária de ser suportada como algo para a própria transformação ética do seu caráter, uma "espiritualização da alma" (WILDE, 2011, p. 82). Por isso, não tratava de lamentar, nem de negar sua condição.

> Pois assim como o corpo é capaz de absorver toda espécie de coisas, tanto as mais vulgares e impuras quanto aquelas que um sacerdote ou uma visão tenham purificado, convertendo-as em atividade ou força, no movimento de belos músculos e na moldagem da carne mais delicada, nas curvas e cores do cabelo, das pálpebras, dos olhos, assim também a alma possui funções nutritivas e pode transformar em nobres sentimentos e paixões elevadas coisas que seriam por si mesmas, baixas, cruéis e degradantes. E, mais ainda, pode encontrar nelas suas mais grandiosas formas de afirmação e muitas vezes revelar-se com mais perfeição através daquilo que pretendeu denegrir ou destruir (WILDE, 2011, p. 83).

Ao pensar nessas fissuras éticas e estéticas produzidas por um modo de vida, Gilles Deleuze, no texto *A vida como obra de arte*, em uma entrevista sobre seu livro *Foucault*, explica que resistir é um modo de travar uma relação de força consigo, que produzirá outros modos de subjetivação. A subjetivação são saberes atravessados por linhas de força, que produzem as dobras. Um fora[3] dentro, que é um dentro fora. Uma existência entrelaçada do visível e do enunciável é o que nos mantém vivos, pulsantes, mas é também um flerte com a morte, que implica correr riscos na medida que se duplica a relação de forças em uma relação consigo.

Trata-se de uma relação que se furta ao *status quo*, permitindo resistir ao "fazer a vida ou a morte voltarem-se contra o poder" (DELEUZE, 1992, p. 127). Deleuze mostra que as formas determinadas pelo saber, situado em sobreposições de superfícies, arquivos e estratos, e as regras coercitivas estabelecidas nas relações de poder cedem às "*regras facultativas* que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida [...]" (DELEUZE, 1992, p. 127, grifo do autor).

O dandismo parece colocar em prática esse movimento de liberdade, já que, nas palavras de Charles Baudelaire, ele foi caracterizado como a oposição e a revolta ao estado de coisas dadas e estabelecidas no seu tempo, valores com o qual parece não se identificar e, por isso, cria seu próprio valor, singularizando-o: "são todos representantes do que há de

[3] *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze* – o livro de Tatiana Salem Levy apresenta o conceito de fora em torno da arte, mais especificamente, a literatura para Blanchot. Nesse sentido, considera-se importante esclarecer que o *fora* não se encontra fora deste mundo. Não se trata de um fora "além" ou "aquém" do nosso, mas este próprio mundo "desdobrado em sua outra versão" (LEVY, 2011, p. 26). O desdobramento é a sua exteriorização e exige que abandonemos as nossas certezas para fazer surgir esse *outro* do qual a autora fala. Para Foucault (leitor de Blanchot), o pensamento do fora é um "pensamento que se mantém fora de toda subjetividade [...]" (LEVY, 2011, p. 60). Sem sujeito atribuível, o "eu" alcança a impessoalidade do "neutro". Na pesquisa, esse fora permite fazer aparecer as máscaras do *dândi*, *flanêur* e *lumpén*, operadas por Charles Baudelaire, conforme se apresenta no capítulo *Galeria de tipos.*

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

melhor no orgulho humano, dessa necessidade, bastante rara nos homens de hoje de combater a trivialidade" (BAUDELAIRE, 1996, p. 54).

Nos estudos foucaultianos sobre o dandismo, Ortega (1999, p. 100) acrescenta que, "na presença da diferença, o indivíduo tem pelo menos a possibilidade de sair de si". Com isso, encontra um modo de operar por meio de máscaras, voltando-se para fora, e não mais para dentro. Mesmo sendo essa uma escolha, às vezes, espontânea e não em conformidade com os valores vigentes, não se exclui o rigor e o cultivo de outros valores.

Ao tratar este tema, reconhecemos o dandismo como uma "instituição" que, pela "impetuosidade e independência próprias de seu caráter" (BAUDELAIRE; BALZAC; AUREVILLY, 2009, p. 13), resiste ao modo de vida empoado dos séculos XVIII e XIX e inventa outra maneira, outra composição, outra escrita para a existência. Tem no conforto da vestimenta a invenção do seu modo de vida, constituído pelos seus valores e suas crenças, criando uma 'dobra' na qual veste, corpo e palavra instituem uma poética de si.

O dandismo, uma instituição aparentemente vaga, possui suas próprias leis, tão rigorosas quanto quaisquer outras. Entende a *toilette* como um cuidado que vai além do corpo e da roupa. Trata-se de um rigor em relação ao corpo, que não está em acordo com uma prática de dominação, o que faz do dândi um amante da vida, um artesão de si.

> O dandismo, ao contrário, brinca com a regra e, contudo, respeita-a ainda. Sofre com ela e dela se vinga quando tem de cumpri-la; invoca-a quando dela consegue fugir; domina e é dominado, alternadamente: Duplo e móvel caráter! Para jogar esse jogo é preciso ter a seu serviço todas as levezas que fazem a graça, tal como os matizes do prisma, ao se reunirem, formam a opala (BAUDELAIRE; BALZAC; AUREVILLY, 2009, p. 131).

Segundo Oscar Wilde, em sua obra *De Profundis e outros escritos do cárcere*, composta pelas cartas escritas ao seu amante enquanto estava na prisão, "O artista está sempre buscando um modo de vida no qual a alma e o corpo sejam uma coisa só, indivisível, em que o exterior seja a expressão do interior e a forma revele tudo. Tais modos existem e não são poucos" (WILDE, 2011, p. 89). Por isso, entende-se o estilo como uma inventividade, que pode ser o desvio de uma tradição, de um determinado costume, uma vida artista que encontra nela mesma os impulsos para sua criação.

Dessa maneira artista de viver, composta de nuances subjetivas, pode-se pensar no que Foucault (1984) fala sobre "ser moderno". O autor cita que, para Baudelaire, ser moderno não reside na aceitação inerte dessa constatação, mas na atitude que se pode estabelecer em relação a tal movimento perpétuo em que nada permanece o mesmo. Isso implica "recuperar alguma coisa de eterno que não está além do instante presente, nem por trás dele, mas nele" (FOUCAULT, 1984, p. 342).

O *dândi* é um tipo que afirma a sua diferença pela sua presença e coloca no mundo o

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

seu modo singular de ser nesse mundo. Vive para afirmar o seu individual, conquistar e transformar o mundo em partes dele. Friedrich Nietzsche, em sua obra *Assim falou Zaratustra*, traz o discurso sobre as três transformações do espírito ao mostrar como ele se converte em camelo, leão e, depois, criança, para falar sobre o espírito fraco e forte, ao tratar do espírito criador. "'Tu deves', assim se chama o grande dragão; mas o espírito do leão diz: 'Eu quero'" (NIETSZCHE, 2012, p. 38) como um modo de resistir e conquistar a sua liberdade e ser dono de si mesmo.

Um dândi é, portanto, um leão conquistador e criador, um poeta com sua vontade afirmativa, que não afirma verdades que não as de seus versos. Um vir a ser contínuo de "resistência ao domínio do saber e do poder" que compõe modos de vida moleculares, nas capilaridades dos padrões hegemônicos. Inscreve-se e perfura os espaços, tecendo novos modos de produzir outro tipo de corpo a partir de fragmentos informes para uma "composição de si", que, segundo Pereira e Bello (2011, p. 112), trata-se de invenção:

> é o inventado (não copiado, nem imitado ou traduzido), o próprio, não proveniente de outrem. O não usual; extraordinário, esquisito. Singular. Porém, tudo proveniente de um jogo regrado de signos, finalidades, afetos, efeitos. Uma composição de si torna-se assim uma combinação estilística possível de diferentes jogos de verdade.

Ainda que sendo dono de si mesmo, embora fazendo valer sua vontade, há de se considerar que "criar valores é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode o poder do leão" (NIETZSCHE, 2012, p. 38). Portanto, em Nietzsche, a transformação dos três tipos não está dissociada, pois o espírito, ao ser camelo e suportar o peso de determinados valores impostos de uma época, encontra possibilidades de criar novos valores e, a partir deles, recriar-se.

Para surgir a criança em Nietzsche, é necessário tanto um desprender-se do "tu deves" quanto do "eu quero", a fim de fazer surgir uma leveza e um frescor livre de julgamentos e culpas, um espírito criador por si mesmo, que profere: "Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é necessária uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer alcançar o seu mundo" (NIETZSCHE, 2012, p. 38).

Nietzsche vai ao encontro dos tipos construídos pela literatura de Baudelaire quando fala do artista, do homem da multidão e da criança. Essas transformações são trazidas para falar do pintor Constantin Guys, homem que não buscava aprovação nos outros, vivia entre a multidão, era um curioso e residia aí o seu gênio, sempre em estado de convalescência espiritual, a qual permitia que se interessasse pelas coisas banais, um retorno à infância.

> A criança vê tudo como novidade; está sempre embriagada. Nada se assemelha tanto àquilo que se chama inspiração, quanto a alegria com que a criança absorve a forma e a cor. Ousaria ir mais longe; afirmo que a inspiração tem alguma relação com a congestão, e que todo pensamento sublime é acompanhado por uma agitação nervosa, mais ou menos forte, que repercute até no cérebro. O home de

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

> gênio tem os nervos fortes; a criança os têm fracos. Em um, a razão desempenha papel considerável; no outro, a sensibilidade toma conta de quase todo o ser. Mas o gênio não é senão a criança reencontrada à vontade [...] É esta curiosidade profunda e alegre (BAUDELAIRE, 2010, p. 28).

Entender o funcionamento dessa outra época faz questionar o que é transformar-se e ser o que se é. E, mais especificamente, como os processos de subjetivação são percebidos hoje, em especial, na subjetivação implicada com o exercício do magistério. Quando, na obra *Ecce Homo* (1888), Nietzsche mostra a transvaloração de valores vigentes, ao tratar da sua própria vida, o que parece estar presente é o rigor, a superação e a autopreservação.

Marcelo Backes, no prefácio de *Ecce Homo*, menciona: "o homem só se salva pela aceitação da finitude, pois assim se converte em dono de seu próprio destino, se liberta do desespero para afirmar-se no gozo e na dor de existir" (BACKES, 2010, p. 08). Ao acreditar nos seus limites, torna sua vida neste mundo objeto de desenvolvimento constante da sua condição humana, colocando à prova os seus limites e a sua força. Na vida do filósofo alemão, esse rigor foi tratado em várias instâncias, tais como alimentação, recreação, leituras e tudo aquilo que podia nutrir seu corpo e sua alma. Sabemos, porém, que não suportou tranquilamente o magistério.

> Assumindo, pois, que a tarefa, a determinação, o destino da tarefa está bem acima de uma medida regular, nenhum perigo seria maior do que ver a si mesmo, cara a cara, através dessa tarefa. Que a gente se torne o que a gente é pressupõe que a gente não saiba, nem de longe, o que a gente é. A partir desse ponto de vista, até mesmo as decisões erradas da vida – os desvios e descaminhos, os atrasos, as 'modéstias', a seriedade esbanjada em tarefas que não fazem parte da tarefa – tem seu valor e seu destino peculiar... (NIETZSCHE, 2010, p. 63).

Para pensar o dândi dentro dessa trama tarefeira e ver se há a possibilidade do dandismo na vida magisterial, é preciso trazer o conceito de 'cuidado de si" em Michel Foucault, pensador dedicado ao magistério, no encontro de um conjunto de técnicas de si que tem a escrita de si como ferramenta transformadora. O cuidado de si é "uma espécie de aguilhão que deve ser implantando na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência" (FOUCAULT, 2006, p. 12). Uma forma de vida que coloca em constante atenção com o que se pensa e o que se passa no pensamento. Uma maneira de estar no mundo, de se relacionar consigo mesmo e com os outros.

O cuidado de si requer ação. "Ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos" (FOUCAULT, 2006, p. 14). Dessa maneira, o cuidado de si elabora um saber proporcionado por trocas, instituições, práticas sociais, relações interindividuais e outras formas de atitude que impregnam a vida de comportamentos e receitas "refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas" (FOUCAULT, 1985, p. 50). A elaboração desse saber compreende um conjunto de práticas nas mais diferentes funções, seja no ser-condutor, ser-mãe, ser-dona-de-casa, ser-estudante, ser-

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

professor, que, inclusive, podem ser desempenhadas pela mesma personagem e estabelecem um "jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas" (FOUCAULT, 1985, p. 59). A subjetividade é a própria variação metamorfoseante que conduz à diferença, que não dá espaço para o sujeito, pois este está sempre em vias de se fazer, sempre em formação. "Dupla potência da subjetividade: crer e inventar" (DELEUZE, 2012, p. 100), na qual a vida "se multiplica e se diferencia para dar à vida as singularidades, consequentemente às verdades que essa acredita dever à sua resistência" (DELEUZE, 2005, p. 102).

A crença só é possível a partir de uma coleção de impressões de imagens, um conjunto de percepções empíricas que constituem a subjetividade. Se o sujeito se constitui na crença (no dado), ele reflete e se reflete. Seleciona o que lhe interessa e transforma em outra coisa, transformando a si também. A relação consigo é a subjetivação que se faz fora da subjetividade, modo determinado pelas relações de saber e poder, as quais, no entanto, sempre se metamorfoseiam, renascendo "em outros lugares, em outras formas" (DELEUZE, 2005, p. 111). Forma de vida ativa que, embora pretenda "obedecer ao princípio da racionalidade moral" (FOUCAULT, 2006, p. 13), não vai contra a natureza humana e contra o mundo dos instintos, dos desejos, da carne e do corpo, negando a vontade de vida, mas é a própria vontade de vida. Com isso, pensamos: se, desde o início da civilização, o ato de vestir nos acompanha, como não dar a esse ato a importância de ação formadora ou de constituição de subjetividade e possibilidade de experimentação de si?

Para isso, experimentamos a palavra *moda* como verbo e substantivo. Verbo que, quando no ato de vestir, produz a ação de fabricar, uma autoconstituição, uma estilização da própria vida; e substantivo quando, a partir do que vestimos, faz os movimentos da alma serem pintados na superfície do corpo, uma arte de si. Sobre esse conceito,

> O si não é reduzível a uma vestimenta, a uma ferramenta ou posses. Deve ser procurado no princípio que permite utilizar tais ferramentas, um princípio que não pertence ao corpo, mas à alma. É preciso inquietar-se com a alma – essa é a principal atividade do cuidado de si. O cuidado de si é o cuidado com a atividade, e não preocupação com a alma enquanto substância (FOUCAULT, S/D, p. 07).

A escrita de si, em Michel Foucault, é convocada como uma das práticas de si estudadas pelo autor, que pensa nos modos de produção de subjetividade vinculados a uma estética da existência. Nas relações do sujeito com a verdade, invoca-se o modo como ele se produz. Gilles Deleuze, no livro *Empirismo e Subjetividade: o tratado da natureza humana em Hume*, profere que a natureza humana, ao ter suas impressões, produz ideias e também associa ideias pela imaginação para a produção de crenças vivas.

Esse liame de coisas produz o eu. Assim, o eu não se define pela identificação consigo próprio, mas define-se por ser plenamente constituído na experiência. Para Hume, o "eu" é um fluxo de sensações, de imagens em formação, intensidades em formação. Já o *si*, em Michel Foucault, no texto *As técnicas de si*, refere-se à um conjunto de técnicas que faz com

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

que os homens se compreendam como são, por meio de "operações sobre seus corpos e suas almas, pensamentos e condutas" [...]. Nesse mesmo texto, ao trazer a análise da *epimeleisthai,* Michel Foucault questiona: "qual é esse si do qual deve se cuidar e em que consiste esse cuidado? " [...] "Si é um pronome reflexivo, daí sua significação dúbia. Auto quer dizer 'o mesmo', mas remete também à noção de identidade. Esse segundo sentido permite passar da questão 'o que é esse si?' a outra "a partir de qual fundamento encontro minha identidade?" (FOUCAULT,1994, p. 06). Para isso, é preciso prestar atenção às nuanças da vida e aos detalhes cotidianos por meio de um trabalho de vigilância que diz respeito tanto à alma quanto ao corpo. O si, na teoria de Michel Foucault, tem a ver com a alma. As artes de si ou a escrita de si é entendida como "movimentos interiores da alma" (FOUCAULT, 1983, p. 142), quando pensamento e vida não se separam e, por isso, corpo e alma coexistem.

A partir desse conceito, a verdade exterior ao sujeito de que fala Michel Foucault parece não requerer, nem impor um manual. Trata-se de um deslocamento da verdade transcendental para uma verdade imanente, por isso, constitui-se na própria dinâmica da vida, na prática de exercícios e cuidados com a própria alma, e pode ser utilizada como ferramenta produtora de subjetividades. Pode ser, contudo, reguladora ao prescrever aquilo que pode ser entendido como verdade ou não, ou aquilo que define algo como sendo o que é.

Tanto na moda quanto no magistério, o discurso do que é tendência é tomado como um modo de legitimar o que é verdade por intermédio um modo de se vestir e dar aulas, um posicionamento do que pode e o que não pode. Assim, modelos são tomados como referência a serem seguidos. Entretanto, ao tomar essa verdade como algo passível de ser transformado, transfigurado e variado, permite-se traçar rupturas nos modos de se apresentar como professor, artista, intelectual, crítico, poeta. Desse modo, verdades aqui não serão necessariamente cópias ou reproduções, tampouco representações, mas produção de algo que pode ser inventado a partir do que já se apresenta.

Ao pensar que o que não se inventa não existe, a verdade pode ser uma realidade a qual, mais do que um compromisso com o real (inventado), trata-se de um compromisso com o novo. A única realidade é a das aparências. No paraíso artificial das aparências, tudo é possível de ser transformado e inventado pela imaginação, tornando a vida, antes de tudo, uma quimera. De acordo com o imaginário em Blanchot, pode-se afirmar que, nesse espaço, "tudo é imagem: a linguagem se desdobra numa linguagem imaginária, o tempo num tempo imaginário e a realidade numa realidade imaginária" (LEVY, 2011, p. 27). Sendo tudo imagem, tornamo-nos imagem uns para os outros também.

A partir disso, buscam-se possibilidades para pensar a vida magisterial vivida nas universidades e em salas de aula, por sempre haver algo que escapa a essa estrutura e a torna móvel. Dessa maneira, interessam os pequenos vazamentos, pormenores que estão dentro

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

dos modelos hegemônicos e podem se configurar como produção dos modos de vida *sui generis* que desejam as artes da forma para com ela operar. Entre esses vazamentos, sabe-se que mudar de roupa não é mudar de existência. Por isso, no dandismo, encontra-se uma possibilidade para pensar um modo de vida que conjuga o mundo por meio da sua aparência. Se, entre nós e o mundo, há uma imensidão de coisas, de imagens que nos integram vinte e quatro horas por dia, como podemos descrever quem somos nós? Sendo assim, cremos que não haja um eu essencial. Em cada um de nós, habita uma multidão, e essa mesma multidão nos compõe diariamente. Nossos humores, a aparência, os projetos, as lembranças, os modos de pensar e de agir multiplicam-se, por isso, nunca somos os mesmos. São esses fatores que fazem surgir a figura do *dândi educador*.

3 O D*ÂNDI EDUCADOR* E SUAS ESTRATÉGICAS *TOILETTES*

Disparado pelo dandismo, como alguém que pensa a moda e a vida em sala de aula como um espaço de experimentação e criação, a *toilette* tratará dos artifícios do pensamento para a criação de um si e para criar para si um "projeto educacional" que busca meios para inventar sua própria vida, sem nunca perder a sensibilidade do corpo e da alma. Assim, o *dândi educador* retorna e torna-se. Evita as coisas mecânicas e procura produzir um estilo pedagógico próprio que se multiplica. Nem sempre produtor de sentido, mas de sensações, carrega consigo histórias das suas andanças e ondulações. Percursos para pensar a criação, evitando juízos do que pode ser considerado bom ou ruim, que é da ordem da moral – uma obrigação.

Dessa maneira, usa a matéria que já existe para criar novos estímulos e novos caminhos que recriam o velho e o transformam. Com isso, vai ao revés da representação, pois pensa na apresentação da moda (modo de vida) e na *performance* em sala de aula como uma estilística da existência. Uma arte cujo modo de ser não está prescrito em manuais, mas um modo de viver artista, pela sua singularidade, pelo seu rigor prático e pela sua estetização do dia a dia, que aproxima arte e vida. Coloca em questão a educação e a docência, pois quer dar um novo sentido à vida, à existência e ao exercício magisterial implicado em sua ascese.

Interessa ao artesão não apenas o que se faz, mas o modo como se faz, que, ao fazer, cria um modelo, não para ser reproduzido e seguido em larga escala, mas para fabricar outro modo de se fazer, passível de ser repetido e novamente torcido, pois não se conserva. Torna-se singular, "numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes que nunca alcançam um final" (FOUCAULT, p. 75, *apud* ORTEGA, 1999, p. 43), mas uma condição humana provisória. A constituição desse artesão sugere, assim, uma autonomia, a qual envolve assumir o risco de fazer diferente. Um programa ético, político, ontológico do trabalho sobre si mesmo. Ações que, embora individuais, serão sempre sociais e coletivas, pois perpassam a própria dinâmica da existência humana e o valor que atribuímos à vida.

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

Uma invenção de si mesmo que aspira eternamente a um horizonte, que nunca atinge, mas o mantém em atividade: "o si como trabalho ininterrupto" (ORTEGA, 1999, p. 63), mesmo na sua precariedade. Escapa ao manual de etiqueta para compor outras éticas, dando espaço a um desregramento, que envolve um desaprender, para aprender novas regras, uma "política espiritual", uma "política como ética" rebelando-se contra as formas estabelecidas de subjetividade e aspirando a criação de outras novas" (ORTEGA, 1999, p. 34).

O artesão atua em bando, procurando um modo de fissurar a couraça formada por tudo aquilo que já está dado e formado. Trata-se de um marginal, uma personagem que parece viver muitas vidas em uma só por intermédio de um movimento altamente sedutor, o qual permite a metamorfose do corpo não apenas pela roupa, mas pelo modo de se constituir a partir das suas feituras. Considerar que o que somos está atrelado às pesquisas que fazemos mostra o estreito fluxo entre o trabalho e a vida: "a formação e o desenvolvimento de uma prática de si que tem como objetivo constituir a si mesmo como artesão da beleza da sua própria vida" (FOUCAULT, 1985, p. 238) ao governá-la e torná-la mais bela aos seus olhos e aos olhos dos outros, independentemente de uma "legislação moral" (FOUCAULT, 1985, p. 238). Por isso, uma artesania da vida magisterial se dá em um cuidado de si que envolve preparação das aulas, orientações acadêmicas, projetos de ensino, plano político pedagógico dos cursos e atendimento de demandas dentro da universidade.

O dândi educador vive esse ofício e, do modo como vive, ele o tem como parte da sua vida, dos seus fazeres diários e das suas obras. Falar e escrever sobre esse processo é inseparável da vida diária. Lidar com as construções identitárias e tentar, a todo instante, buscar outros modos de existir e pensar é combater o descontentamento com tudo aquilo que fixa, predetermina, que está "meio pronto" e impossibilita o exercício de olhar para o mundo. Entristece o condicionamento que apenas "liga o automático". Evitar que esse condicionamento se instale é vibrar com a possibilidade de poder observar o mundo e apreciá-lo no seu pormenor, encontrando beleza até no menos provável belo, um exercício de superação. Isso também é uma postura diante da vida. Acontece junto da vida. Fala daquilo que ainda é um mistério: viver uma vida de inacabamentos, que se transforma durante todo o tempo, buscando um melhor viver: uma pintura de si na roupa, nas ações do vestir, no viver e dispor-se na vida e no modo de compor uma aula. Uma materialidade que é feita de encontros, empiria ordinária de afetos que se desdobram no atrito das superfícies móveis. Nesse caso, a vida da pesquisadora, as ações que marcam sua prática, sua existência e suas aulas operando suas estratégicas *toilettes* de pensamento. São esses fazeres que buscam criar possibilidades para que apareça a artista por meio das suas práticas no magistério.

Assim, busca-se criar condições para que se pense de outra maneira, na tentativa de estabelecer a autoria e combater a representação na própria representação, considerando a criação uma obra aberta, inacabada e de múltiplas definições, que usa a matéria para criar novos estímulos, recriar o velho, transformá-lo. Ou seja, um revolução ético-estética capaz

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

de fazer aparecer, a partir de uma mesma coisa, outra coisa.

Trata-se de torcer o senso comum em uma criação incomum, que não o destrói completamente, mas que fortalece o aparecimento da dúvida e, a partir dela, mutações são fabricadas. Uma construção meio real, meio imaginária, sem soluções definitivas, mas possibilidades em torno daquilo que pode surgir: acervo móvel em permanente construção. Com David Hume, Deleuze mostra que se trata de invenção, de uma política, daquilo que não está disponível na natureza e precisa ser criado, pois não está disponível naturalmente: "inventar condições artificiais objetivas" (DELEUZE, 2012, p. 49). Desse modo, as *artes de si* estabelecem um conceito provisório para exprimir a própria criação de si. O si professor que se torna o grande projeto de vida e, pensado junto com Michel Foucault, trata de elaborar a própria vida como obra de arte, uma obra pessoal, social e institucional.

A decadência avistada no século XIX, sintoma que aguça a crítica nietzschiana, mostra que o sujeito não existe senão como máscara, um rosto do estrato burguês sobre o qual a subjetividade contemporânea se constitui como subjetivação burlesca. São os artifícios da aparência que tornam um homem o que ele é. Que artifícios são esses? Ora, um professor somente se torna professor pela disciplina do seu fazer ser professor, da preparação da aula, das tramas e conexões de pensamentos, de uma repetição que só é possível por meio do coração. O mesmo ocorre com o figurinista, o estilista, o arquiteto, o médico, o agricultor, a dona de casa e o mestre de obras. A obra de uma vida não se determina pelo que se faz, mas pelo modo como se faz. Trata-se de um cuidado que permeia o corpo e a alma. A disciplina, ascese exercitada como liberdade, faz-se a partir das escolhas, mas, ainda, as decisões operam em nós processos de subjetivação, que são as sinuosidades dos caminhos que nos tornarão o que somos. Isso implica resistir para criar os próprios valores e seus procedimentos para a vida. Nos procedimentos, observar o que se faz, cada movimento, cada escolha, cada gesto, como uma coreografia do olhar, para, assim, repetir o procedimento, observar novamente, ver o que se produziu e o que modificou. Ciclo repetitivo, tal como é o ciclo da vida (que nunca se repete do mesmo modo), ciclo que, embora se repita, está sempre a produzir novidade.

4 REPETIR PARA INVENTAR

> A verdade na arte não é a correspondência entre a ideia essencial e a existência acidental, não é a semelhança entre a forma e a imagem, ou entre a forma refletida no espelho e a própria forma em si; não é o grito que ecoa no vale entre as montanhas, nem o poço de águas prateadas que refletem a imagem da lua para a lua, ou a imagem de Narciso para Narciso. A verdade na arte é a união da coisa com ela mesma, o exterior tornando-se a expressão do interior; a alma revestida da forma humana, o corpo e seus instintos unidos ao espírito (WILDE, 2011, p. 89-90).

Por intermédio das práticas e das políticas de resistência desenvolvidas no século XIX, que fizeram surgir os tipos sociais, entre eles, a figura do dândi, procura-se pensar a figura do

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

dândi educador hoje. Por meio desses artifícios, também podemos pensar que, se aquilo que não se inventa não existe, somos todos frutos da imaginação, o que faz crer que se trata de jogos de verdade, e não de uma teoria do sujeito, uma vez que esse sujeito nunca se coloca como formado no mundo, mas está sempre em construção. Tornamo-nos dentro das diferentes formações históricas, dentro das relações, das práticas diárias e conosco mesmos.

> Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar seu desejo em uma relação sexual. Há, indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas do sujeito; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. (FOUCAULT, 2012, p. 269).

Enquanto para Michel Foulcault interessa as formações históricas com relação aos jogos de verdade, interessa a esta pesquisa o inventário de incidências e modos de fazer as coisas que derivam dessa estrutura social, mas dela se desviam. Trata-se de uma coleção de ideias, fruto da imaginação artista. Com o filósofo David Hume, lido por meio de Gilles Deleuze, foi possível pensar em ficções da mente, ideias ou ainda imagens de pensamento que podem ser produzidas a partir das nossas experiências sensíveis e que podem ser recriadas ou transformadas. Tais jogos de verdade podem ser técnicas usadas para se compreender aquilo que se é. Logo, o tornar-se professor implica incluir seu modo de ser professor. Isso inclui a criação de uma assinatura e de um estilo que se constitui na crença. Dessa maneira, o si é um modo de operar sobre si, com a ajuda do outro, incluindo o aperfeiçoamento de si em relação ao outro. Uma individuação sem sujeito, que não tem começo nem fim e que, por estar no meio, produz infinitas singularidades.

Tal como se aprende a caminhar, tal como dormir e acordar todos os dias, as ações, embora se repitam, nunca reproduzem os movimentos idênticos. O vestir-se todos os dias expressa uma vontade de mundo que muda ao sabor dos humores, ao sabor do destino, de um pensamento descontínuo. Do burguês, aquele que se estabelece desde o final da Idade Média como habitante do burgo, onde feiras e trocas se promovem sob a sombra da Igreja, chegamos até a figura burlesca, arremedo dos tipos psicossociais da modernidade. Esta, cuja cena traz um corpo pleno de artesanias sobre si mesmo, burla as regras mercantis na aparição estilística que escancara a decadência do mundo industrial. O século XIX expande estas duas forças, o dândi e o burlesco, em suas novas aparições, entre as quais estão as classes, os projetos educacionais das novas Nações republicanas e a espetacularização da sociedade dita decadente. O dândi, ao ensinar o quanto o passado se repete e o futuro se cria a cada moda, apresenta um tipo de subjetividade como invenção.

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

REFERÊNCIAS:

BALZAC, Honoré; BAUDELAIRE, Charles; D'AUREVILLY, Barbey. **Manual do Dândi:** a vida com estilo. Organização e tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna.** Organização e tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade:** o pintor da vida moderna. Organização Teixeira Coelho. 7ª reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DELEUZE, Gilles. III Michel Foucault. In: **Conversações.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p.109-154.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade:** ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FARINA, Juliane Tagliare; BARONE, Luciana Rodrigues; FONSECA, Tania Mara Galli; MOEHLECKE, Vilene. **A construção social do presente:** ética, estética e política. v.41. n. 3. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/8159/5849 . Acesso em: 13/08/2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder. s/d.** Disponível em: http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foulcault.pdf Acesso em: 18/04/2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3:** o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. (1984). Uma estética da existência. In: **Ditos e escritos V:** Ética, Sexualidade, Política. 3.ed. Organização Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. (1984) O cuidado com a verdade. In: **Ditos e escritos V:** Ética, Sexualidade, Política. 3.ed. Organização Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. (1983) A escrita de si. In: **Ditos e escritos V:** Ética, Sexualidade, Política. 3.ed. Organização Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CC BY NC ND

DOI 10.20396/etd.v21i1.8651066

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora:** Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Freiderich. **Manifesto comunista.** Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf Acesso em: 26/02/2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo:** de como a gente se torna o que a gente é. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Tradução Alex Marins. 6.ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

ORTEGA, Francisco. Estética da existência no renascimento e no dandismo. In: **Amizade e Estética da Existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda:** e outros escritos. Lisboa: Edições Texto e Gráfica, 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas:** a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WILDE, Oscar. **De profundis e outros escritos sobre o cárcere.** Tradução de Júlia Tettamanzy e Maria Angela Saldanha Vieira de Aguiar. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Revisão gramatical realizada por:
Valeria Koch Barbosa.
E-mail: valeriakb@feevale.br